

81033

LAGRIMAS, FAISCAS
DO
AMOR DIVINO

Offerecidas a Christo Crucificado.



OBRA POSTHUMA DO R. P. Fr. ANTONIO
das Chagas Missionario Apostolico da Ordem
de São Francisco.

LISBOA. Por Domingos Carneiro. Anno 1670

VARATOJO

MYSTICA

3.749

84-C.2

Cod
116421



QUR POSTHUMA DOR. ANTONIO
de Chagas Mello, nro. Aposente no Ordem
de São Paulo

Antônio P. Domingos, n. 1.º de 1.º de 1.º

L I C E N C A S

O Padre Mestre Fr. Joáo Ribeiro Qualifica-
dor do Santo Officio veja este papel, &
informe com seu parecer. Lisboa 27. de Ago-
sto de 1683.

Manoel Pimentel do Sousa.

Manoel de Moura Manoel. Ieronimo Soares.

Joam da Costa Pimenta. O B. Fr. Manoel Pereira.
Bento de Beja de Noreonha.

O Padre M. Frey Bento de Santo Thomás
Qualificador do Santo Officio veja o pa-
pel de que esta petição faz menção, & informe
cô seu parecer. Lisboa 10. de Setembro de 683.

Manoel Pimentel de Sousa.

Manoel de Moura Manoel. Ieronimo Soares.

Joam da Costa Pimenta. Bento de Beja de Noreonha.

LICENÇAS.

ILLUSTRÍSSIMOS SENHORES.

Vista obra Pósthuma do Padre Frey Antonio das Chagas, q se intitula, Lagrimas, Faiteas do Amor Divino, & não só não achei nella contra algũa contra nossa Santa Fè, ou bõs costumes, & como tal, digna de censura; mas taes consideraçõens, & tam profundas da condiçam humana, que será a liçam aos advertidos muito proveitosa. Vam lançadas naquelle estillo, com que os Santos Autores de Meditaçoens, & Oraçoens jaculatorias as suavizaram aos que com ellas intentayam melhorar. Este he o meu parecer, salvo meliori iuditio, S. Domingos de Lisboa 22. de Setembro de 1683;

Frey Bento de Santo Thomás.

Vista a informação podese imprimir este papel cujo titulo, he Lagrimas, & Faiteas do Amor Divino do Padre Frey Antonio das Chagas, & depois de impresso tornará para se conferir, & dar licença que corra, & sem ella não correrá Lisboa 26. de Novembro de 1683.

Manoel Pimêtel de Sousa. Manoel de Moura Manoel Ieronimo Soares. Ioam da Costa Pimenta.

Bento de Beja de Noronha.

LICENÇAS.

PODESE imprimir o papel do q a petição faz mençam, & depois tornará para se dar licença para correr, & sem ella não correrá. Lisboa 30. de Outubro de 1683. *Serram.*

O Padre Mestre Frey João da Apresentação Guardião de S. Francisco da Cidade veja este papel, & pondo nelle seu parecer o remeta a Menza. Lisboa 4. de Novembro de 1683.

Roxas. Lamprea. Noronha.

SENHOR.

POR mandado de V. Magestade li cõ grande attenção esta obra posthuma, intitulada Lagrimas Faiscas do Amor Divino, & a não trazer no principio o nome de seu author, o infirira eu com felicidade pelo sublime do estillo, delicado do discurto, & devoto do assumpto, parto em fim do Veneravel Padre Frey Antonio das Chagas verdadeiro filho daquelle Seraphim Humano Frâncisco meu Padre q tanto se desvelava no zello da salvação das almas, q todo o seu cuidado era levalas a Deos: por isso sendo imitador deste Pay dezejou ver nos fieis os coraçoes abrazados, & juntamente sentidos, para que desangrandose pelos olhos, mostrassem o sentimento nas lagrimas, & o fogo nas faiscas. Nesta tão singular obra, nê falta aos entendimêtos cõ

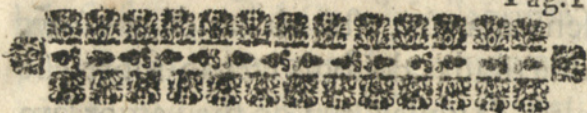
L I C E N C I A S.

q se recreem, nem aos devotos com que se compunjaõ, & assim está tão longe de ter cousa contra a Fé, que dá firmetas á esperança, fervores á charidade, & tão alheyo de ser contra os bons costumes, que pôde reformar os máos; pelo que me parece muitas vezes digna de se imprimir, & se fora possível de se eternizar. Este he o meu parecer Vossa Magestade fará o q for tervido, São Francisco da Cidade em 7. de Novembro de 1683.

Fr. Joaõ da Apresentação.

QUe se possa imprimir vistas as licenças do Sâto Officio, & Ordinario, & depois de impresso tornará à Menza para se taxar, & conferir, & sem isso não correrá. Lisboa 9. de Novembro de 1683.

Roxas, Lamprea, Noronha.



LAGRIMAS FAISCAS DO AMOR DIVINO

Vertidas de hum padernal humano.

GOLPE I.

*O insensati Galatæ Quis vos fascinauit
non obedire veritate ante quorum oculos
IESVS Christus præscriptus est, in vobis
Crucifixus. Paul. c. 3. ad Galatas. v. 1.*

Oh Homem do mundo.

PRECES.



QUEM senam a vós
meu Deos, se hão de vo-
tar, & offerecer estes pe-
daços da minha Alma, q
com a luz da vossa Graça achey per-
didos pelo mundo, aquem, aquem,

senam a vós, estas cinzas de coração,
que tiradas do fogo eterno sobre esse
altar da vossa Cruz, do meu amor sam
holocaustos, do meu engano sam me-
mentos: a vós sómente meu Senhor
que sois todas as minhas cousas, como
tornão ao mar os rios se reduzem as
minhas lagrimas, que filhas sam desse
Oceano: este he o orvalho maturi-
no, q na concha do vosso peyto se tor-
na em perolas preciosas, estes os ulti-
mos despojos com que das batalhas
do Mundo, trago as insignias da vi-
toria para tropheos de vossas aras: es-
tas as taboas do naufragio, q escapadas
do mar do seculo para memorias do
milagre, no vosso Templo depẽduro:
esta he a Casa da Graçam donde este
auxilio me deu Alma, donde a minha
Alma se fez Ceo, donde hũa morte se
fez vida, pequena paga meu Senhor,
hũa

hũa faísca , por hũ Ceo, hũa lagrima,
por hũa vida , & hum só gemido por
hũa Alma; bem sey meu Deos, & meu
Senhor que seráo outra mayor culpa,
os fumos vãos deste holocausto , &
desta offerta , a ninharia, porém que
victimas se esperam de hum coração,
que foy tam pobre, que sendo o Mun-
do tudo nada , nam teve mais que o
fer do Mũdo, mas se a vossa misericor-
dia me fez de vós tambem aceito, que
muito he que eu já presuma , que os
meus no nada são benemeritos , nam
olheis vós os sacrificios , senam a ten-
ção , q̃ os offerece, & nesta ninguem
tem mais que eu ; porque vos tenho a
vós comigo: hoje nam só vossas pieda-
des haõ de fer quem ha de assistir a es-
tes troços da minha dôr , que dos ca-
daveres da culpa ; por ser triumphos
fam destroços, mas quem tambem ha
de

de rever estes rasgos daquella pena,
que com a tinta dos meus olhos escre-
veraõ as minhas culpas no papel do
meu coração; revejão pois vossas pie-
dades este papel, que de rodilhas con-
fagro hoje aos vossos pês, ponhasse nel-
le a vossa emmenda, donde se tirem os
meus erros, para que nelle me não ce-
gue, & me reveja sempre nella; premi-
cias são de hũa vontade, que nunca
póde verse livre, senão depois que a
tendes preza, que reviveo donde se
morre, para morrer donde se vive, se
ainda assi parecem flores, quem duvi-
da que dos Altares são as primeiras
boninas, nem eu meu Deos tenho ou-
tros cravos, que por já hoje em vossas
mãos; se por serem duras forem pedras,
eu já não posuo outras joyas para me-
ter no vosso peyto, se por ondas preci-
pitadas, eu já nam tenho outras cor-
rentes

rentes, que deyte agora aos vossos
pês, & se eu podera fazer tanto, que
vos podera fazer sempre de cada Es-
trella dos Ceos, Mundos, de cada ou-
ção da terra; mares, de cada area do
mar Ceos, & de todos multiplicados
vos fizera tambem meu Deos, das pe-
drinhas dos montes Aras, dos troncos
dos bosques Templos, dos ramos das
arvores Choros, das folhas das Plátas
Braços, dos atomos do ar Coraçóens,
dos argueiros da terra Olhos, das ervi-
nhas do campo Almas; & das flores
do prado Vidas, se vestindome de to-
das juntas podera voar a esles Ceos, &
là com todos seus espiritos, todo me
cubrira de azas, todo me fizera tronos,
num sêpre doce abraço da Alma, nam
ouvera dia, nem hora, que com todos
vos nam amara, nam vivera momêto,
nem atomo, q os nam occupara com
vosco,

vosco, nem estimára instante, ou ponto, q' comigo vos nam unira: façam pois Deos, & Senhor meu, façam vossas benignidadés, que se edifiquem na minha alma os muros de Hyerusalê, cayaõ da antigua Babilonia aquellas torres presumidas, de quem foy base o mesmo vento, & fundamento a mesma area, prostrados estam os collosos, já derrubadas as estatuas, & em fim os Idolos cahidos, com armas do denezengano, com os castigos da razam, & com os golpes do escramêto, feri agora meu Senhor, rasgai meu Deos, com a vara da vossa Cruz, ou com o fuzil de vosso amor, as entranhas deste penedo, tam rebelde, & empedernido, a tantos vossos movimentos, pois nam sómente dos meus olhos poderam assinnacer rios, mas tambem do meu coração correr hum mar de lavaredas, to-

mai posse de hũa Alma vossa ; pois
nessa Cruz tendes o titulo , nem con-
sintais meu Redemptor , que deixe
hoje o meu engano o direito da vossa
graça , pelo avesso de minha culpa ; a
justiça de vosso sangue pela trapaça
deste Mundo , nam quero eu melhor
comenda que verme com o vosso ha-
bito , nem para tomallo meu Deos ti-
rarey mais inquirçoens, q̃ as memo-
rias dos meus peccados, nem farei me-
lhores provanças , que as experiencias
dos meus vícios. Aqui postrado a vos-
sos pés, nos incendios de vosso amor,
pello que arda este papel , nam pello
que mo defendais , rogo vos que mo
emendeis ; & se por meu parecer
mal, sejais bendito meu JESUS, q̃ assi
fareis com que hoje o Mundo senam
engane mais comigo; se sentirem bem
do q̃ ha nelle, louvado sejais meu Se-
nhor,

nhor , que fendo eu o mefmo erro,
confintir a vofla vontade, & bondade,
que em mim fe louvem voflas obras,
louvemvos todas as criaturas, & eu
por toda a eternidade.

LAGRIMA II.

*Desolatione desolata est omnis terra: quia
nullus est qui recogitet corde Ieremie.*

12. v. 12.

TOdo o mundo fe perde por
falta de confiderar, affi o chora
o Espírito São pela boca de Jeremias,
que depois que as chammas foram la-
grimas , que muito he as linguas fol-
sem olhos, & necessario foy que como
linguas declarassem, o que choravão;
pois já nam viam como os olhos, q se
fentissem o que diziam ; chorava o
Espí-

Espirito Santo , chorava tambem o Profeta, ver que os caminhos de Siam se tinham feito matas bravas, & cheyas só de agrestes filvas, eram solidoens, & desertos, sem haver quem os habitasse, nem quizessem já hir por elles, quando a terra de Babilonia toda serras, & penedias, despenhadeiros, & asperesas, se tinha a todos feito estrada; por hir por ella todo o Mundo; por isso era necessario que o pianto, nam só fosse magoas, mas que fosse tambem razoens, por ver se quem lhe dava ouvidos lhe poria melhor os olhos, & esta foi a razão tambem com q David, quando chorava nam pedia a Deos os seus olhos, só lhe queria os seus ouvidos (exaudi orationē meam auribus percipe lacrimas meas) tam trocados andão os objetos de todos os sentidos humanos, que parecia conveniencia

niencia equivocarem-lhe os officios,
mas nam he ainda esta a razam , he
porq o Mundo andava tam cego, &
naõ tinha olhos para ver, quanto mais
para chorar, estes olhos se entendem
pelo entendimento, o mesmo David
no lo afirma, dizendo em muitos dos
seus Psalmos , considerarey com os
meus olhos, o nosso Lira nos explica,
dizendo quem saõ estes olhos, *Oculi in-*
teriores anima vox eorum gemitus & ora-
tio, estes olhos sam os discursos, saõ suas
vozes os gemidos , sua eloquencia a
Oraçam como pois ao povo de Deos
faltava este entendimêto; & vivia sem
considerar, andava cego, & as escuras,
sem atinar o seu caminho, sem ver os
seus despenhadeiros, a Cidade de Deos
se fez ermo , as vias de Siam desertos,
& o Mundo todo Babilonia: oh se os
homens consideráram q foram nada,
o pouco

o pouco tempo que estão sendo pouco mais de nada, & que ham de ser cousa nenhũa, se viram com algũ cuidado, q̃ aquillo que foram já nam he, que o que ham de ser ainda nam chegou, que o que estão sendo vai passando; ontem menos que hũa sombra, hoje sómente hum pó, & a menhãa cinza, & corrupção, quem da razam do seu juizo não faria olhos ao seu discurso, quem das trevas do seu engano, nam sahiria a luz da verdade, quem das remoras da culpa, nam faria azas da emmenda; virá o juizo, & a razam, q̃ o q̃ na vida himos crescendo, he o que a vai diminuindo; que os seus bês se vam acabando, tudo o q̃ duram em hir sendo, & isso nós himos cõsumindo, que começamos a hir durando, cada instante da nossa vida fera hum memorial para a morte, lêbrandonos

os que já passaraõ; cada lembrança da morte fora hum despertador para a vida, mostrando quantos se perderão, conhecera a mesma vaidade, que não ficãdonos do tempo mais q a memoria de aver sido, ou a magoa de aver passado naquillo mesmo q duramos, a cada ponto perecemos: tão veloz, tão arrebatado he o curso da humana vida, que nam havendo mais, que hum passo desde jo berço á sepultura, pôde servirnos de tropeço hum pé mal posto a cada passo; nam havendo mais q hum só folego, entre o Inferno, & entre o Mundo, o mesmo ar que nos alenta nos pode tirar a respiraçam; & em fim tam breve, & tam ligeiro, nos passa o tempo com a vida, como Não que nam sente o curso com que se engolfa pelos mares, como setta que em hum instante traspassa as metas a que tira;

tira; como Ave que em hum momento vence as distancias a que vòã, sem que o entendimento dos homens lhe queira examinar o curso; sem que o acerto dos discretos se cansem em apontar o tiro; & sem que a cegueira dos humanos procure a segurar-lhe o vôo.

LAGRIMA III.

Verum tamen universa vanitas, omnis homo vivens. Psalm. 38. v. 6.

DA vaidade dos homens nasce a cegueira deste Mundo, & andando sempre acompanhada da ostentação, & da soberba, da presunção, & da arrogancia, das mentiras, & das lisonjas, toda he fausto de ignorácias, toda familia de quimeras, & toda caza

de loucuras, & esta oca soberania, este
desalumbrado entono , com que se
morre por ser Idolo atraz dos Idolos
do Mundo, anda arrastando o seu en-
gano, & despenhando os seus insultos:
este he o canto das Sereas, que a cada
câto deste Mundo, & a cada passo dos
humanos lhe faz o mar todo naufra-
gios , lhe torna o porto todos receos,
para as prayas da Eternidade os enca-
minha o norte da Alma , & ellas nas
ondas dos peccados , para o inferno se
vão a pique, hũ só vislumbre da fortu-
na, q̃ como vidro resplandece, os cega
até quando se quebra, hum resplendor
de luzimento, que como véla se con-
sume , ou como exalaçam se gasta,
mais os acende que alumia , hũa adu-
laçam do aplauso, que como ar se des-
vanece, com os encher de vento os in-
cha ; hũas dilicias mētirosas , q̃ como
piro-

pirolas se douram , com lhe amargaré
as idolatrão; hũas honras imaginarias,
que só tem ser de fantesias , com ser
quimeras as procurão , & humas ven-
turas fabulosas q̃ ameaçam como co-
metas, até com a vida se compram.
Oh homẽs vãos q̃ vos engana? gente
cega q̃ vos obriga? quem vos arroja, &
vos despenha , quem vos enleva , &
vos attrahe? Por ventura sam as rique-
zas? Isso deu a terra a huma mina? Sam
os coches , & as grandes pompas ; isso
deu o vento a huma nuve: he por ven-
tura o ter mais vida : isso deu a hum
tronco a montanha ; acaso he a valen-
tia: isso deu o monte a huma fêra, he a
altura do grande estado : isso deu o
Mundo a huma grimpã, por dita sam
as fermosuras: isso deu o campo a hũa
flor, que vos enlouquece o deitar plu-
mas: isso deu a natureza a hũa ave,

que vos ufana o vestir sedas, isso deu
o bosque a hum guzano; que vos per-
fuade o comer mais, isso concede o
tempo a hum bruto; como pois chega
a ser possível, que seja a vossa idolatria,
vossa ambição, vossa cegueira, aquillo
de que gosta hum bruto, aquillo em
que se cria hum bicho, isso com que
não escapa huma ave, isso que nam
preza hũa flor, efloutro em que nam
dura huma grimpa, o mais com que
foge hũa f'ra, & tudo o mais que em
fim tam pouco estima, o tronco, a nu-
ve a mina? Se as riquezas todas sam
terra, se as pompas sam hum pouco de
ar, a vida pouco mais que folha, a va-
lencia açam de feras, a mayor altura
mudança, a belleza filha das ervas, as
plumas sêpre liviandade, a seda tumu-
lo de bichos, & o comer gosto de bru-
tos, para que quereis parecer minas,
se

se sois assi pedras de escandalo; porque
fazeis por serdes nuves, se isso he cousa
que leva o vento; porq folgais de ser-
des feras, se isto he fugir de ser huma-
nos; porq estimais viver como arvo-
res. se se cortam as que nam daõ fruto;
porque dezejais parecer grimpas, se a
cada instante hum ar as muda; porque
morreis para viver flores, se cada dia
hum Sol as seca; porque prezais andar
como aves, se sam penas os seus enfei-
tes; porque tratais de ser guzanos, se os
seus vestidos sam mortalhas; porq go-
stais de serdes brutos, se isso he negares
q sois homẽs? Oh venenos idolatra-
dos? Oh fabulas sãpre bẽ quistas, q fa-
cilmente vos deixara quẽ vossa origẽ
descubrira; q alegremente vos pizara
quem por dentro vos conhecera; mas
que se ha de fazer hoje a quem poden-
do ser maravilha, por privilegio de ra-

zam, se fez aggravo dos destinos, por
condicam da vaidade, ou abuso da
natureza.

LAGRIMA IV.

*Vae tibi Corozaim, vae tibi Bethsaida; quia
si in Tyro & Sidone factae essent virtutes,
que factae sunt in vobis, olim in cilicio
& cinere penitentiam egissent.*

Matth. 11. v. 21.

OH que dura contra ham de dar
a Deos, aquelles aquem Deos
dá mais auxilios, que a outros donde
aproveitaraõ, & nem com isso se mo-
veram; q castigo tam rigoroso teram
dos Ceos, & dos Infernos, aquelles q
fogem dos braços de Deos para as ca-
deas do Demonio, que desprezam as
Eternas Glorias, pelas penas da Eter-
nidade,

nidade, q̃ resistem áquelles impulsos
com que Deos bate aos coraçoens, q̃
se retardam no caminho, com que a
bondade immensa os chama, que se
perdem no porto depois de atravessar
os mares. Nada soccede neste mundo
que nam seja hũ perpetuo grito, com
que Deos nos avisa; & fala, que nam
seja hum despertador mudo, com q̃ o
Senhor nos desperta, nos extremece,
& nos acorda; as aves que acordam
cantãdo nos ensinam a louvar a Deos,
as fontes que correm ao centro, o co-
mo havemos de buscallo, as luzes que
nos livram das sombras, o que faz a
graça nas culpas, a noite que entris-
tece a terra, o como deixa o vicio hũa
alma: os males que vemos no mundo
nos mostram a sua miseria: as feli-
cidades, & gostos nos figuram? Os
bens do Ceo, a vida dos m̃ãos com os
seus

ſeus fins nos faz afaſtar dos ſeus paſſos, a morte dos bõs com a ſua Gloria nos faz ſeguir o ſeu exemplo, tudo parece nos enſina, & tudo tambem nos reprehende, pois ainda em nõs não aprendemos, o meſmo q̃ experimẽtamos; & nada em fim póde baſtar para que nos ſaibamos mover, prezos nos laços enganoloſos, & nos nós cegos repetidos de tão varias profanidades, dormimos no leyto da culpa, como ſenão ouvera morte, eſtamos na caza do vicio, como ſenão ouvera Inferno, & vivemos com o Demonio, como ſenão ouvera Deos; donde eſtá eſſa differença q̃ nos deſtinguio dos brutos, donde mora aquella razão, q̃ nos iguala com os Anjos? E donde a vida de Chriſtãos, q̃ nos chegou a fazer Deoſes; não ſe eſpedaça a conciencia com os golpes dos ſeus delitos, não ſe eſtre-

mece

mece o mesmo vicio, com a sua vista abominavel, não foge o sangue a hum peccador com sua vista aborrecivel, como nos nam envergonhamos de q̃ tantos por se perder façam mais que nós por salvarnos; que sirvam tantos ao Demonio com mais extremos, que nós a Deos, se Deos fora o interessado se nós os independentes, se elle nos ou vera mister, & nós o poderamos escuzar, se elle nos pedira algum mal nosso, & nam nos offerecera o Ceo, parece que tiveram disculpas as frouxidoens do nosso engano (mas ainda assim tiveram) porque elle sempre fora amavel, & mais q̃ tudo apetecivel, pedimos lhe honras, danos creditos, pedimos malles, danos bens; queresmo gostos faznos mimos, buscamos nada, & danos tudo, & nada disto ha de bastar para o buscar, para o querer, para o fer-

servir, para o amar; por ventura nós nos fizemos, nos sustentamos, nos animamos; obras somos das suas mãos, em prego da sua bondade, & perdamos de sua justiça, qual he disto a satisfação, & qual o agradecimento. Reduzir tudo a nosso engano, & prevertelo em sua offensa; por ventura para deixarnos levar nos vícios, & torpezas, cuidaremos que nos criou, quando tem mão nos nossos castigos, cuidaremos que se descuida por huma hora, por hum instante, que he o que dura a mayor vida, nos exporemos cada ponto aos danos da eterna morte, por hum ponto em que lhe fazemos eternidades de desprezos, fêra bom que o percamos nós, & cavamos na sua ira por toda a Eternidade; quem nos diz q' fêraão será hoje, daqui a pouco, ou logo agora; fêram concorrer com o que vivemos, quem

quem nos dará o com que duramos,
pois por hum pensamento leve, que
mais afflige que recrea, por hũa só pa-
lavra ociosa que logo o ar, & o vento
a leva, por hum acto pecaminoso que
a penas hum breve instante dura, he
razam que se offenda hum Deos, he
acerto que se perca o Ceo, & he bem
que se agrade o Demonio? como nam
olhamos, & vemos, que fugindolhe
nos confundimos, q̃ agravando nos
offendemos, & peccando o crucifica-
mos, que mal nos fez se nos criou, em
que nos offende se nos ama, em que
nos agrava se nos sofre! como pois por
ser escravos de Satanás, nos negamos
de filhos de Deos, como nos arman os
contra elle, seguindo as bandeiras do
Demonio, & como em fim só por ser-
vir a este, queremos que Deos nos fir-
va a nós? Oh doudice sempre precita?
oh

oh desatino nunca chorado; oh perdição precipitada; oh cegueira do entêdimento; oh obstinação da malicia.

LAGRIMA V.

De relinquat impius viam suam, & vir iniquus cogitationes suas, & revertatur ad Dominum, & miserabitur ejus, & ad Deum nostrum, quoniam multus est ad ignoscendum. Isaia. 55. v. 7.

SE o mal nasce de nam considerar, considerar he o remedio; meditei os dias antigos contemplei os annos eternos, dizia o Profeta David, & por isso diz em outra parte, & acendeuse-me o coração; porq a meditação toda he fogo, cuidem pois os homêes do Mundo, o que he o Mundo, & o que sam os homens, o Mundo inimigo de Deos,

Deos, os homẽs inimigos de si: deixem as vias da perdiçam, tornense a Deos q̃ he sua via; façam algũa couza os homẽs, não queiram q̃ Deos faça tudo, todos os passos, & fadigas q̃ ha de custarlhe este thezouro, dentro de si mesmos se dam, caminhando pelo entendimento, & correndo pela vontade, para q̃ o prado crie flores, para a terra produzir minas, necessario he com o Sol concorrer a terra, & o prado; nam goza as riquezas da India, quem nam navega o Oceano, nem ganha as palmas do triumpho, quem foge aos golpes do conflicto, nam se cubrão sempre os não queros com os focapas dos nam possos; porq̃ he vestir as desculpas dos mesmos trajos da malicia, nam guardemos para a menhãa o que ainda he tarde sendo hoje; porque como sam os nossos logos da natureza dos

des-

depois , quasi sempre se lhe passa o tempo nos passatempos do outro dia, nam seja sempre nas tentações do Mundo, tudo propor dezenganos, & tudo nam cumprir promessas, tudo estes logos de futuro , & tudo huns nuncas de presente ; pois vemos que para serem estes nuncas da condiçam daquelles sempre, ainda nam he sempre em nós, & q' daqui a pouco sempre he nunca; & resistir a Deos cada dia, enganar a Deos cada hora, que castigos, que dezemparos não terão da ira de Deos? Se por virmos que nos dá avizos, damos confiança aos peccados, se por uzar misericordias tomam licenças as nossas culpas, nam são misericordias as esperas, que se dilatam offendidas, já são especie de castigos ; q' outros mayores ameaçam; oh convertamonos a Deos muito de todo coração,

çam, seja Deos nos nossos corações o
deffensivo dos venenos com que
morremos pella culpa; preciso he que
em nós se funde o mesmo que Deos
edifica, elle he quem levanta a fabrica,
fazendonos sahir da terra, nos somos
quem poem o fundamento, humi-
lhandonos a suas obras. Ninguem
cuyde tanto de si que Deos o ha mis-
ter, & se o havemos mister (que para
amalo nos criou) que fazemos, q o não
amamos, fugindo de quanto o offen-
demos? O primeiro passo para o Ceo
nam he outro, que o primeiro passo
com que nos afastamos do Mundo;
porque afastar das criaturas he o mes-
mo que chegar a Deos; escadas podem
ellas ser para subir ao que elle he, &
quanto mais de todo o mundo meter-
mos debaixo dos pés, mais perto de
Deos ficaremos; por estes degrãos nos

sobe a luz a ver o Sol no meyo dia , &
por estes, quando desce, se cerra a noi-
te dentro na Alma ; leve-se arrastros a
vontade , aver o que diz a memoria,
peyte a razam ao entendimento , para
que converta a vontade, nam pareça
que anda vádio entre os humanos o
discurso , nem seja praça para hum
cego a Monarchia do alvedrio , nam
se queixe a mizericordia de que nos
deu em vam a graça, nam se irrite mais
a justiça , de que com o perdam cres-
ceu a culpa.



LAGRIMA VI.

*Milvus in Cælo cognovit tempus suum:
turtur & hirundo & ciconia custodie-
runt tempus ad ventus sui: populus au-
tem meus non cognovit iudicium Domi-
ni. Ieremie. 8. v. 7.*

AS aves & as criaturas mais le-
ves, as que nam tem razam &
juizo sabem aproveitarse do tempo
conhecendo o q póde o tempo ; mui-
tas vezes fugindo do mar donde ti-
nham o seu sustento , buscam nas pra-
yas o seu abrigo antevendo as tempes-
tades; os homens, a quem Deos entre-
gou o Imperio das criaturas, & aquem
deu mais a conhecer o mesmo discurs-
so do tẽpo, como se não tiveraõ rezaõ,
como senam tiveram discurso , todo

o tempo querem dar ao seculo, & nenhum a Eternidade; os campos rudos & grosseiros, dandolhe Deos a primavera, dam flores, & ao menos daõ ervas, donde achão muitas virtudes; os troncos que estiveraõ nús aos desabrigos de Janeiro, fazendo penitencia ainda ao menor auxilio de Abril, a hum movimento do Veram, nam só flórecem, mas daõ frutos, com que tambem nos daõ exemplo; a nuve q se elou mais fria, a fonte que se vio mais preza, o rio que parou mais atado nas prizoens, que lhe poz o Inverno, em lhe dando os rayos do Sol se desfazem, & se derretem. Só os homẽs, os senhores do Mundo, os que se prezaõ de entendidos, aquelles a quem Deos chama filhos, aquelles que tem a Deos por Pay, por mais que o Ceo lhe dé os tempos, sam muito mais que os

campos, rudos, por mais que Deos lhe dobre os annos, se ficam mais que os troncos secos, & por mais que lhe dê calor, se ficam, mais que a neve frios. Quem vendolhe gastar as horas, quem vendolhe perder os dias, & desperdiçar os mezes & os annos, cujos reditos nam se cobram, cujas perdas nam se restauram, cujos furtos nam se restituem, nam sentirá, nam chorará, ver q perde o tempo da vida, da penitencia, & salvação, quem o tem feito a cada instante para o anno de sua perdiçam, para o dia de seu juizo, para a hora de sua morte. Já senão fora no Mundo hũ avizo cada successo, hũa voz cada inspiração, & hũ grito cada precipicio, parece que tiveram desculpa, os que nenhuma tem no Mundo, porque o Mundo nenhuma tem; mas q senam emmendem os homẽs, se antes do dia

do juízo, de tantos juízos alheios lhe parecem estes sinaes, & se lhe deytam estes juízos! Esta a todo o tempo he a culpa, & esta quasi sempre he a lastima. Quem sabe q a terra ha de abrir-se, & que metello nas suas entranhas, he metello na sepultura, porque nam treme do que Deos lhe sofre, se de nos trazer sobre si, vemos q treme a mesma terra? se por terra nos poz o Mundo, para lançar o Mundo ao mar, quem espera tempo mais feito, que quando as Divinas monçoens lhe poe nos olhos aguas vivas? Por vêtura, por este livro da nossa mesma experiencia, ou dos cazos de todo o Mundo, apredemos para ser troncos, & estudamos para penedo? Oh peregrinos do seculo, sede hoje os seus dezenganados, porque se este valle de lagrimas, este valle desconhecido tantas vezes nos engar

enganou, nas primaveras da vida, como he razam que até o ultimo valle q vemos no otono da morte vamos cultivando os enganos para recolher os castigos? Eis aqui porq chora a terra, eis aqui porque se entristece o Ceo. *Lugebit terra & marebunt Cæli. Ierem. 4.*

LAGRIMA VII.

Ecce motus magnus factus est in mari, ita ut navicula operiretur stuctibus ipse vero dormiebat: & accesserunt ad eum Discipuli eius & suscitaverunt eum dicentes: Domine salva nos perimus.

Matthæi. 8. v. 24.

Hiam os Apostolos embarcados com o Senhor, fingio elle que dormia, ergueuse o mar em ondas, & a barca quasi se hia a pique. Se os que

trazem a Deos consigo, se os que andão em companhia de Deos, se vem a risco de perderse, & pedem ao Senhor que os salve, que lhe acuda, & que os ajude, os que andão no mar do Mundo, na cópanhia do Demonio, cubertos das ondas do vicio, & perdendose a cada passo nos baixos & Circes do seculo, como esperão melhor fortuna. Corré perigo os justos, não o correrão os peccadores? Os Santos se escapão do naufragio, he chegados á taboa da Cruz, & os mundanos salvarseão sobrados em hum mar de culpas? Vejamos que estes movimentos que temos no golfo do seculo, os permite Deos muitas vezes para vermos o nosso risco, & pedir-lhe a elle socorro. Movemos o risco mil vezes: por hũa parte o nosso descuido he calmaria que nos prende; por outra a sensualidade he

Serea que nos attrahe com seus cantos encantadores, não menos que á perdiçam; por muitas a nossa vaidade he temporal que nos soçobra; por nam poucas a nossa ambiçam. he tormenta que nos contrasta, & por todas o nosso engano he borrasca que nos mete a pique. Tome pois a rezam o leme, vire as vellas o entendimento, siga outro rumo a vontade; porque se a mesma fantasia quizer saber adonde está, na breve carta de hũ papel achará posto todo o Mundo; nas pinturas de hum pergaminho suas melhores apparencias, muito chaãs suas alturas, muy iguaes as suas mayorias, suas larguezas entre huns riscos, & comprido a risca o seu engano. Oh se os homẽs já se enjoarão de andar lutando có as ondas! Se se persuadirão os homens quanto andão fóra de seu centro! Se dezejãdo de
tomar

tomar terra se lembraram de q̃ são pó!
Quem duvida que para o porto da sal-
vação puzerão a proa do sentido, do-
brando para as Indias do Ceo o cabo
da boa Esperança, & nam o verde da
ambiçam para essa mina deste Múdo:
tudo o que neste he porto bello, nada
tem de porto seguro, porque nas mes-
mas enseadas esconde o mal que nos
arrisca, & no pégo traz o inimigo,
que sempre em fim nos anda a corço.
Mas nem por isso desconfiem os q̃ se
vem mais derrotados, porque se segui-
rem o norte que nos mostra a Estrella
do mar, se tomarmos a altura do Sol,
com o Astrolabio da Oração, & senão
deixarmos perder no porto tudo o
que escapou das ondas, veremos mu-
dar-se em breve tempo, o temporal em
mar bonãça, o naufragio em boa via-
gem, & a perdiçam em salvamentó;
com

com que em hũa serenidade em que tudo se poem tranquilo, navegaremos felizmente, sem que as remoras nos detenhaõ; & desembarcando nas praias de hum espirital sossego, poderemos erguer ao Senhor o Téplo Santo da Oraçam, pôr nas aras do dezengano, os sacrificios da vontade; pelas paredes da memoria as reliquias deste ex-carmento, & por toda a parte do exêplo, as insignias destes milagres; a cuja vista cresçam mais nam só os votos da rezam, mas as devoçoens da maravilha. De tudo isto vimos a colher, que se he mar tempestuozo o Mundo, que se perdem os mais que o navegam, só he remedio para salvar acudir, & chamar a Deos, conhecendo que elle he quem nos salva, nam nossas forças quem nos livra. Oh chamemos com a Oraçam, pondo sómente nelle os olhos, que elle

elle fará para os ventos , & porá em obediencia os mares, em hũa tranquillidade tam outra das que sam todas as do Mundo , q̃ possam admirarse os homens, & dizer com louvor, & espanto, quem he este a cujos Imperios, a cuja voz, a cujo aceno, mares, & ventos obedecem.

LAGRIMA VIII.

Ecce nubecula parva quasi vestigium hominis ascendebat de mari Ecce caeli contenebrati sunt & nubes & ventus, & facta est pluvia grandis.

3. Regum. c. 18. v. 44.

Começar a ter Oraçam he muito mais difficultoso q̃ depois de tella ser santo, suppõdo sempre a graça de Deos, sem a qual ninguem a começa, & menos a continua. Dizia Seneca que mais facil he o crescer que o comear,

meçar, & assi o ensina a natureza com as aves, rios, & plantas. A aguia antes de ter penas nam se atrevia a dar hum passo, ao tremolar da menor pluma, já se remonta ao mayor vôo. O ribeirinho que na fonte, nam teve brios de regato, com o curso de poucas horas alcança titulos de rio. As arvores, q o mais do anno sam verde exemplo da fortuna, em dous dias de primavera se enchem de pompas, & de flores. Para saber qual he a cauza, basta pouca Filosofia, porque do ser ao augmentar ha muitos pertos no duravel, mas do não ser a ter principios, ha muitos longes no possivel. Ninguem deixe de começar, por ter por muy difficuloso poder crescer, ou proseguir; mais faz quem arranca hũa pedra, que nas fer- ras teve a raiz, que quem já depois de arrancada a faz rodar pello seu curso.

Natu-

Natural he a planta cresce no mesmo tempo em que nasce, & nam he facil que o Sol nasça, sem que no mesmo instante luza. Todos somos como regatos, que para chegar a ser rios he necessario nacermos fontes. Todos somos como aguias, q se nam provamos ao Sol, q do mesmo Sol somos filhos, sobre os abismos nos despeham, & somos em fim como arvores q se vivem sem dar fruto, gastando em folha todo o tempo, para o fogo eterno nos cortam. Demos pois para Deos os fructos, para elle encaminhem os passos, a elle derijamos os vóos, & ferà mar quem for regato, crescerà palma quem for planta, terà azas quem tiver penas; mas ninguem chegue a se escuzar com dizer, que para estes principios, & para ter Oraçam, se ha mister grande perfeiçam, & se requiere hum gran-

grande espirito , grande pureza na
conciencia, grande differença de vida;
muita mudança de costumes, & em
fim hum grande excesso da alma , &
que em fim quem estâ no seculo, nam
he facil, que o possa obrar, nem menos
profeguir , sem que seja mayor offensa
de Deos querer trazello mais prezen-
te, & para o agravar a olhos vistos.
Isto he engano manifesto , & traça
do Demonio, que com estes falsos de-
coros nos aparta do entendimento o
meyo mais util da salvaçam; porque
ainda q̃ he verdade, que toda a pureza,
& perfeiçam se ha mister para falar a
Deos, & para o tratar cada hora, mui-
to mayor culpa seria engeitar o seu fa-
vor ás claras, para querer peccar ás ce-
gas; seria muito mayor delicto chegar-
mos a crer que era boa humildade, &
grande reverencia a Deos , fugir delle
para

para o Demonio, quando se paga com
hũa lagrima, & se contenta com hum
gemido, querêdo de nós hum pequey,
muito mais q̃ fazer milagres. Que te-
mos nós neste Mundo que possamos
chamarlhe nosso senam a culpa & o
peccado? Se pois de males tão mortais
receamos o convalecer, que faremos
ao recair? Não teve a nossa fragilidade
menos antiga a sua origem, do q̃ teve
a nossa natureza; cahir, & quebrar a ca-
da passo effeito he do sermos barro; le-
vantarnos para nos unir, he condiçam
do q̃ Deos he; quem faz por Deos tu-
do o que póde, faz tudo aquillo que
Deos quer; quem o traz diante dos
olhos, obriga o a tudo o que he possi-
vel; se hũa sombra da nossa culpa nos
encobrir o Sol da Graça, hum sopro só
daquelle norte disfará as nuvens da of-
fensa. Alem disto darmos escusas de

naõ começar a oraçaõ, por conhecermos quã mãos fomos, & por quã pouco medramos, parece desculpa, & he culpa, parece humildade, & he soberba. He culpa, pois confessando o mào estado nam lhe procuramos o remedio, antes na escusa o engeitamos. Quem vendose muito mal ferido, naõ chamaria ao Surgiaõ? E quem dandolhe hũ grande accidente se dezejasse de ter vida, deitara o remedio de caza? Quem se lhe offereceraõ o balsa-
mo, para que curasse a ferida, diria que era indigno delle? Quẽ dandolhe a pedra vazar, diria que não merecia tomalla nas mãos, ou na boca? Com an-
cia se ha de procurar o q se conhece remedio; & aggradecerse com amor o remedio q nos dá vida: quando logo que Deos nos persuade, a que tenhamos oraçam, desde logo nos faz capa-

zes, de que a possamos ter. Sinete he do
Espirito Santo, que ainda q̃ com for-
ça se imprime, depois não custa couza
algũa trazer a fôrma dentro na Alma.
He soberba; porque querer começar,
por onde os outros acabáram, he cui-
dar q̃ da nossa parte póde estar toda a
sufficiencia. Sõ do Nilo sabem os ho-
mens, q̃ he tamanho donde começa,
como donde acaba o seu curso. Aquel-
la materia q̃ arde nos Ceos exalaçam,
primeiro foy vapor na terra. Poucas
vezes ha grande incendio, que não co-
meçasse faisca. Crescerá em hũa hora
hum cedro, mais que em hum dia o
mayor plantano? Mas nam vemos q̃
dem as palmas em poucos annos grã-
de fruto. Não fora seguro o correr aquê
começa a engatinhar, por isso nestes o
cahir não he tanto de reprehêder. Aos
mesmos q̃ có grandes estudos adqui-
riraõ

tiram grandes sciencias, nos primeiros dias da escola foy arte escura o Abc. Animenfe pois os bisonhos, nam desmayem antes da guerra, que as batalhas que ao homem rustico sam medo só imaginadas, para o soldado generoso sam gloria ainda combatidas; as piramides, & os collosos, não forão obra de hum só dia, nem ainda em a flor as maravilhas, são só fadiga de hũa hora.

DETESTAC,AM DE CULPAS.

Peccavi super numerum arenæ maris, & multiplicata sunt peccata mea, & nō sum dignus videre altitudinem celi, pro multitudine iniquitatis meæ. Ex officio Eccl.

LAGRIMA IX.

Meu Deos, meu Pay, meu Senhor,
meu Criador, meu Redemptor,

eu o mais ingrato dos homens, o mais perverso dos nacidos, o peor de todos os humanos, a vossos pés cheyo de culpas, venho a ver aquella bondade que tantas vezes me soffreo, a pedir a mizericordia que tantas vezes engeitey, a confessar essa piedade que tantas vezes me atrahio. Eu sou aquelle filho ingrato, aquelle servo fementido, & aquelle em fim perverso homem, que de vossa mizericordia fiz até agora a vossa injuria, pois q de tantos beneficios não tenho feito a minha emmêda. Sou aquelle monstro de culpas, aquelle extremo abominavel, aquelle excesso aborrecivel, q da vossa mesma justiça fiz até agora paciencia; pois para ser mizericordia se fez comigo esquecimento. Eu sou meu Deos aquella pedra, aquella fera aquelle bruto, q a ter depedra o coração não pudera ser mais da

da marmore; q̃ a ter de bruto a natureza, nunca podera ser mais bruto; que a ter de fêra a condiçam nunca podera ser mais fêra. Sou aquelle peor, q̃ todos, q̃ dandome vós mais ~~que~~ ^{que} todos os beneficios, & os auxilios, mais que todos vos fiz offensas, mais que todos vos fiz escandalos. Indigno sou meu Criador do que o Sol me dé a luz que vejo, o ar o alento que respiro, a terra o lugar que occupo, & de todo o uzo da rezão, que nunca em mim teve o seu uzo. Indignissimo sou meu Deos da vida, & da alma que me dêstes, do tempo, & meynos q̃ me dais para q̃ fuja de mim mesmo, & para que a vós só me chegue. Indignissimo sou meu Deos de q̃ haja couza q̃ me sofra, bichino vil q̃ me consinta, & leve ouçam que me aggrave. Merecedor sou meu Iesu de que do Mundo as cria-

turas se erguam, & se armem contra mim, & por si, & por vós se vingem de quão em mim vos agravarão, quando em mim vos desobedeceram. Merecedor fuy meu Senhor, por quantas vezes vos fugi, vos resisti, vos engeitey de que o Ceo me deziparasse, de que o fogo me consumisse, de que a terra me sovertesse, & ainda hoje meu Deos mereço que as criaturas me nam olhẽ, que os elementos se me negem, que o mesmo inferno me sepulte, pois sendo em vós mil beneficios, cada hum instante meu de vida, foy em mim hũa eternidade de offensas, cada momento mais de culpa; devendo ser penitencia tudo o q foy destrahimento, foy sempre obstinação o que devia ser emmenda. Daveis-me a vida meu Senhor, daveis-me o tempo meu Iesu, por ver se a mudança do tempo podia em mim
fazer

fazer mudança, por ver se os estragos da alma eram já fastios da culpa, & eu cada vez mais pervertido, cada vez menos emmendado, me deleitava nos delictos, como se nelles vos amara, me gloriava nas maldades como se nellas vos servira. Oh meu Senhor, meu Redemptor quanto sinto, & quanto me dóo, & quam pouco me dóo, & sinto, de ser meu Deos a vossa afronta, de ser meu Deos a vossa Cruz. Quanto sinto Redemptor meu ser tam grande a minha maldade, que mil vezes na mesma culpa fiz vaidade de aggravarvos, & outras tantas me entresteci de não poder mais offendervos. Que homem seria mais perverso? Que fera mais incorregivel? Que Demonio mais detestavel? E vós meu Deos sempre a sofrer-me? E vós meu Iesu sempre a esperar-me; como se o vosso ser immenso de-

pêdera muito de mi, como se ao vosso
immenso amor lhe fora muito em me
salvar. Rasgue-se pois meu Criador este
coração empedernido em rios de fogo
& de lagrimas, ceguem meu Deos ce-
guem meus olhos cõ diluvios de sen-
timento; espedace-se esta minha alma
com hũa dor sempre chorada, cõ hũa
magoa nunca vista, em hũ vivo abor-
to destas culpas, em hũa ancia morta
do meu pranto; seja este o parto das bi-
boras que me espedacem estas entra-
nhas, seja este aquelle cutello que me
traspasse o coração.

Pequey meu Deos, & meu Senhor,
& nam tem areas o mar, flores a terra,
ervas o campo que igualemente, Pay, &
Senhor meu, o numero de minhas cul-
pas, nem a serem as ervas fontes, nem a
serem as flores rios, nem a serem as on-
das mares, igualaram as que os meus
olhos

olhos devem chorar arrependidos. Pequey meu Deos, já o confesso, ao Ceo, á terra, ás criaturas, o direy a vozes, & a lagrimas. Pequey, & sendo as minhas culpas hum aggravo de todo o Mundo, quando imagino os que vos fiz, só cuido q̃ contra vós pequey; tamanha he a differença da vossa offensa ás outras todas, que sendo muito cada hũa junto da vossa, todas juntas parecem mais de nada. Pequey meu Deos, & bem conheço que todas as penas do Inferno sam para mim pouco castigo; mas nam pello temor da pena que eu mereço tam justamente, nam por perder os bens da Gloria, q̃ eu nunca vos mereceria, me peza meu Deos, & Senhor meu de meus vicios abominaveis, & de meus peccados incriveis.

Pezame muy de coraçam, pezame muito na minha alma por serdes vós o
offen-

offendido, vós o meu Deos, & o meu
Senhor; o Senhor dos Ceos, & da terra
que me creou, me redemio, q me so-
frego, & me chamou; vós q só por vós
sois dignissimo de ser amado eterna-
mente, por vós mesmo merecedor de
até no Inferno ser servido, vós essa im-
mensa Magestade, de quẽ os Ceos, &
a terra tremẽ, essa suprema Omnipot-
encia de quem foy obra todo o Mun-
do, essa inefavel fermozura, por quem
o Mundo he admiravel, essa bondade
incomparavel por quem eu sou abor-
recivel, esse mar de misericordias, esse
extremo de perfeiçoẽs, sempre infini-
to de grandezas, nunca ~~arabar~~ de ma-
ravilhas. E que sendo vós tudo isto, &
muito mais do que tudo isto, me atre-
vesse eu a offendervos, me resolvesse
exasperarvos? Eu vilissima creatura,
cujos antes nam foram nada, cujos
agoras

agoras sam hum pó, cujos depois ham
de ser cinza, que ontem fuy nada, hoje
sou pouco, & a menhãa serey muito
menos! Eu que se bem me confidero,
quando muito vejo em mim mesmo,
que fuy, que sou, & q serey, ha pouco
lodo, agora feno, daqui a pouco pó, &
cinza ! Eu mais vil que tudo o que he
vil, peor que o peor de tudo! Eu que de
vós recebi tudo, a vida, & a alma, a li-
berdade, a vontade, o entendimento, a
redempçam, a fé, os auxilios, a honra,
os bens, & as vocaçoens com que ain-
da assi me estais chamando, com que
ainda assi me estais querendo!

Oh meu Senhor, & Redemptor,
como he possivel que esta dor me não
arranque das entranhas hũa Alma, q
foy tam ingrata! Como he possivel q
esta dor me nam parta este coraçam,
contra vós sempre endurecido! Como
he

he poſſivel meu Ieſu que eu nelle vos
queira meter, ſe foy cova de baſeliſcos!
Como he crível meu Redemptor, que
ouze erguer a vós os meus olhos, ſe fo-
ram portas do peccado! E como he cri-
vel meu Senhor, que eu chegue a pôr
em vós a boca, ſe foy vazo de venenos!
Vós offendido, & eu com vida! Vós
com amor, & eu ſem pezar! Vós per-
doandome agravado, eu reſiſtindovos
vencido! Vós em hũa Cruz dandome
os braços, & eu nelles ſendo a voſſa
Cruz! Vós por mim prezo neſſes pre-
gos, & eu contra vós ſolto nas culpas!
Eu tenho dor, & ainda vivo! Eu me en-
terneço, & ainda duro! Como he iſto
meu Creador, q̃ me nam entendo co-
migo, nem ainda quando eſtou com
voſco! Como he iſto Pay, & Deos
meu, q̃ ainda de mim não ſey livrar-
me, quando de vós chego a valerme!

Mize-

Mizericórdia meu Senhor.

Mas como a mim me estranho, como ainda me desconheço? Que outra couza pôde esperar-se, do qual eu fuy, do qual eu sou, senão estas ingratidoes, a vossa offensa, & os meus erros? Que outra couza se esperaria desta serpente, desta bibora mais que as maldades, & os venenos, com que offendo a quem me criou! Oh meu Senhor! Oh meu Jesu, se nesta hora fora licito para vingar-vos em mim proprio, para vingar-me de mi mesmo, o arrácar este coração, & tirarme a mesma vida, ainda assi senam apagara esta sede, ou esta chama q da minha ancia, & vosso Espirito tão vivamente se ascendeo, por estas minhas seguidões. Mas pois q em mim de nenhum modo podem achar-se as sufficiencias, a quem meu Deos hey de acodir? De quem meu Deos

me

me hey de valer? Senam de vós que
fois meu Pay, o meu bẽ, o meu Deos,
& o meu Senhor. Aquem tive eu nun-
ca por mi mais que a vós meu Iesu?
Se sendo o Mundo quem me tenta, o
Demonio quem me combate, & tudo
o mais quem me persegue. Nada foy
tanto contra mi, como eu mesmo fuy,
& estou sendo, acudime vós meu Iesu,
valeime vós meu Creador, & nam me
dezempareis meu Deos.

Meu Pay, meu Deos, & meu Se-
nhor, nam aos pés, dos filhos dos ho-
mẽs mas aos pés do Filho de Deos, aos
pés do meu Deos, & Senhor, me trazẽ
hoje os meus suspiros, me arrojam ho-
je as minhas lagrimas; não com aquel-
la reverẽcia contriçam, & resignação,
proposito, amor, & intençam; que este
meu acto requeria, mas com aquillo
que he possivel, aquem foy sempre a
mesma

mesma culpa, o mais fragil por natureza, por experiencia o mais ingrato, por condiçam o mais perverso. Mas quando posso eu confessar que he a vossa bondade immensa, senam quando cõfiado a vossos pés, venho a mostrar, a minha culpa; em vir deitar-me a vossos pés bem mostro já que reconheço, que sois vós o meu Senhor; em vos pedir misericordia, & ter nella esta confiança, bem confesso que sois meu Pay; em conhecer quam justamente virám sobre mi os castigos, bem confesso que sois meu Deos. Aqui me chego aos vossos olhos; aqui me ponho em vossas mãos; aqui me deito aos vossos pés. Se he vosso gosto condenarme ás mayores penas do Inferno, como posso eu convencervos? Seja embora meu Creador, que isto sois, & eu o mereço; façasse em mim a
vossa

vossa vontade, que santa he, & eu peccador; nam por gozar eu hum perdão, se balde em vós hum atributo; louve eu assi vossa justiça pois tantas vezes desprezey vossa immensa misericórdia. Porém alcancenvos meu Senhor estas lagrimas hum partido, mereçavos a conformidade, com que obedeço a vosso gosto nas minhas penas hum concerto; nam que eu deixe de padecer as mayores que lá se ^{me} sentem, mas que vos nam perca este amor, que vós mesmo me tendes dando; cresça o amor cresçam as penas, que nenhũas me tiraram, senão me tirais a gloria de as sentir, sabendo que tendes gloria de que affinta; gloria minha será meu Deos, ver que vos tenho hum grande amor, donde todos vos aborrecem, poder cantar vossos louvores, donde vos vira mal dizer,

& po-

& poder suspirar por vós donde vos vira blasfemar.

Porém se nos vossos juizos podem meterse os humanos, tamanha gloria terey disto, se vós disto tiverdes gloria, que desde agora me persuado, que se-rey indigno meu Deos dos mesmos tormêtos do Inferno, se os sentir com a circunstancia, de que vós nelles te-nhais gloria; pois sendo eu couza tão má, que sou do Mundo a peor couza, como me não admirarey, q̃ ainda assi pudesse dar gloria de qualquer maneira q̃ fosse, a hum Deos tão bom como vós sois. Tam bom sois meu Deos, & Senhor, que cuido que no mesmo Inferno para conhecer quam bom ereis, nam era necessario outro argumenro, q̃ crer que a mim me castigaveis, por ser a couza mais oposta que achaveis em todos os seculos,

E

à vossa

á vossa bondade infinita. Isto só bastara meu Deos para que vendovos tam justo, & conhecendo quam bom ereis, me fizera amarvos nas penas, & louvarvos no meu castigo.

Nam me tireis pois meu Senhor este amor, nem esta rezam, nam appareis de mim meu Deos, o vosso & meu conhecimento, & desde logo se quereis, sepultaime para todo sempre no escuro carcere do abismo. Eu meu Deos nam me persuado q me quereis condenar; porque se na campanha da honra, se no mal da vida passada, se na caza do mesmo vicio, se no leyto da mesma culpa, tantas vezes a vossa justiça embaynhou a sua espada, como agora que a vossa graça poem na balança o meu pezar, tam unido com a vossa Cruz me quereis dar o golpe? Fiado na vossa bondade não cuido eu

meu Redemptor que me perdoastes obstinado para condenarme arrependido se esta fora a vossa vontade, já a terra me não sofrera, já o Ceo me não consentira, & já o Inferno me tragara. Por ventura cuidarey eu que sou mayor na confiança com que busco a vossa piedade, do que ella he com minhas culpas? E quando isto assi nam fora, que eu mereço todo o castigo, & vós meu Deos sempre sois justo, fora rezam que o Mundo vira, que vós meu Deos me perseguieis, & me tinheis por inimigo?

Contra hũa debil folinha, a quem os ventos arrebatão, mostrareis o vosso poder? Contra hum bichinho do Mundo, em que os ouçoës tem dominio, excitareis o vosso Imperio? Contra hũ argueiro limitado, sobre quem anda o pó da terra, empenhareis a vossa

ira? Nam fois vós o que dez emparais
aquem se chega a vossa sombra: tam
pouco quem toma vingança de quem
nas vossas mãos se poem, & menos
quẽ deyta de si, aquem vẽ deytarse aos
vossos pés; não deyxarei os vossos
olhos, não largarei os vossos braços,
nem soltarey os vossos pés, nẽ daqui
me levátarei, em quanto Pay, & Se-
nhor meu, não sentir no meu coração,
q̃ já me tendes perdoado, & me deixais
restituido; não porq̃ eu meu Deos o
mereça, mas por vossos merecimen-
tos, não meu Iesu por minhas lagri-
mas, senão pello vosso sangue; não meu
Senhor por minha justiça, mas por
vossa misericordia.

Prometo Pay, & Senhor meu de
nunca mais vos offender, nunca mais,
nunca mais, meu Deos; cayaõ os Ceos,
fugame a terra, falteme o ar, funda-se
o Mun-

o Mundo , tenteme o Inferno , & o Demonio, que em fim fiado em vossa graça de vós me nain apartará o bem, & o mal, a morte, a vida, a honra, a injuria, o goſto, a pena, a terra, o Ceo, & o Mundo todo , fazei vós Pay, & Senhor meu, meu bem , & todas as minhas couzas , q̃ aſſi o faça como o digo , pois com voffo auxilio o proponho, q̃ em vossa graça o execute. Oh meu Senhor. Oh meu Creador; antes mil mortes q̃ hũa ſó offenſa, antes mil mortes q̃ hũa culpa, antes o Inferno, q̃ hum peccado.



ORACAM

QUE O SENHOR DITO PARA
pedir pellas Almas do Purgatorio.

P Adre Eterno por Iesu Christo
vosso Filho, & meu Senhor, & Re-
demptor, vos peſſo que me perdoeis
todos meus peccados, culpas, defeitos,
& faltas, & outras quaesquer couzas,
que no discurso de minha vida com o
pensamento, palavra, & obra hey co-
metido, & em que hey faltado em fa-
zer vossa santa vontade, & em qual-
quer couza de meus proximos, em que
nam haja sido com a rectidam, dili-
gencia, & cuidado, que era rezam fa-
zer por vosso amor, & purificay meu
corpo, & Alma.

MODO

MODO DE ORAR.

P Adre Eterno por vosso Filho preciozo, & pello amor com q se fez homem, & pellos merecimentos de sua Payxaó, & morte, & pello immenso amor com q padeceo, & derramou seu preciozo sangue por todo o genero humano, vos peſſo, & rogo tireis das penas do Purgatorio as Almas de meus pays, & parentes, & confellores q me tem ajudado com bons conſelhos, & me tem feito bem: & de meus inimigos que me haó feito mal: & geralmente vos peſſo por todos os fieis defuntos, que eſtam padecendo detidos em o Purgatorio Amen.

Esta Oraçam ditou o Senhor a ſua ſerva a Madre Ioana de Ieſu, & prometeo ouvir ao que a diſſeſſe, & fazer o que lhe pe-diſſe eſtando em graça.

FINIS LAUS DEO.

deste effandio em gloria.

ao que a disesse, & fazez, o que lhe pare
a Madre Joana de leza, & pinto outro
- A Sa. Catharina d'Alto e d'Alto a sua fozza

em o Purgatorio Amen.

funtos, que assim padecendo devidos
niente vos fello, por todos os fizes de
gos que me haõ feito mal: & geral-
me tem feito bem: & de mercamin-
tem ajudado com boas conselhos, &
pays, & parentes, & conselheiros que me
penas do Purgatorio as Almas de meus
humano, vos fello, & rogo n'as das
seu precioso sangue por todo o genero
fo amor com q' padecoo, & deitamon
sua Paixão, & morte, & bello immen-
homem, & bellos mercedimentos de
cioso, & bello amor com q' se fez
P Adez Eterno por vosso Filho pre-